

# A IDEIA DE FRANÇA NAS CONFERÊNCIAS DEMOCRÁTICAS

Manuel Gama

*Departamento de Filosofia e Centro de Estudos Humanísticos da ELACH da UMinho*

Em tempos, algo recuados, ouvi o professor Lúcio Craveiro da Silva (1914-2007) – reitor da UMinho e primeiro reitor “eleito” nas Universidades portuguesas – enaltecer a coragem da professora Maria do Rosário Girão em tomar o escritor francês Charles Baudelaire (1821-1867) como tema da sua tese de doutoramento, que intitulou *À sombra de Baudelaire. Estudo da recepção de Baudelaire na Literatura Portuguesa. Do romantismo ao modernismo*. Aqui deixo o registo.

Em consonância com a longa vida académica da homenageada, na Universidade do Minho, onde dedicou com grande empenho o seu labor, enquanto docente e investigadora, à Literatura e Cultura francesas, assim, em conformidade, escolhemos para assunto destas pequenas linhas algo que evidenciasse o contacto próximo da Cultura portuguesa com aquela outra. Encontrámos um momento forte nas ideias das Conferências Democráticas (1871) - a parte mais prática da Geração de 70 -, onde pontificou o nosso grande Antero de Quental, e nas ideias aí expressas se denota a presença do pensamento europeu e, sobretudo, do francês.

Assim, após a sua recente aposentação, n um gesto de gratidão institucional, que o seu Departamento quer realizar, promovendo um simbólico livro, queremos, de forma singela, relevar o convívio de quatro décadas com a Maria do Rosário Girão, cuja conduta, da pessoa e da académica, sempre vimos pautada pelo afeto e pelo rigor, que muito apreciamos.

& & &

Depois que a Cultura portuguesa intelectual relativizou as fontes inglesas e se abeberou das ideias e das experiências históricas francesas (*cf.* Carvalho, 1982 : 62 e *cf.* Coelho, 1983 : 39), a Geração de 70 foi a que, de um modo grupal, mais praticou e assumiu a sua ligação à Europa e, especialmente, à França, dando lugar a um fenómeno de quase de aculturação<sup>1</sup>, bem esclarecido na expressão de António José Saraiva, «A Tertúlia Ocidental», que deu igual título ao livro que dedicou a esta Geração e aos seus principais protagonistas<sup>2</sup>.

Na referida tertúlia, interessa-nos – por questão de economia de espaço – vincar apenas dois vetores: por um lado, a presença dos autores franceses nas cinco conferências realizadas no Casino Lisbonense; por outro, as linhas de inspiração francesa por que se orientou o pensamento de Antero de Quental.

## *1. - A França nas Conferências Democráticas (CD)*

Numa visão global do espírito e da letra das CD (*cf.* Gama, 2008 : 161-177), que decorreram em 1871, é evidente a opção europeísta. No próprio programa das CD é explicitado tal desiderato, simbolizado no conceito de «modernidade», sendo o seu propósito «Agitar na opinião públicas as grandes questões da Filosofia e Ciência moderna». Não sem antes «Ligar

---

<sup>1</sup> É elucidativo o título do livro de Álvaro Manuel Machado. 1984. *O “Francesismo” na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

<sup>2</sup> António José Saraiva. 1990. *A Tertúlia Ocidental - Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e Outros*, Lisboa, Gradiva.

Portugal com o movimento moderno, fazendo-o assim nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada», procurando «adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam, na Europa» (cf. Medina, 1984 : 70-71), fossem eles mais próximos, como em Paris (a Comuna) ou em Itália ou Espanha, fossem mais longínquos, como a Revolução Francesa. Parece evidente esse pano de fundo do europeísmo, e assim foi lido pelos nossos maiores estudiosos desse período cultural, como João Medina, António José Saraiva, Joel Serrão, Álvaro Manuel Machado, João Gaspar Simões, António Machado Pires. Como deixou anotado Joel Serrão, nesta Geração e nas conferências - geradas e realizadas no seu seio -, embora atingindo uma minoria letrada, mas aberta aos novos tempos, encontramos como intencionalidade primeira a evidenciação dos valores da sua «alma nova», como o Socialismo, a República, o Positivismo, o Livre-pensamento (cf. Serrão, 1986 : 18-19), gerados ou medrados em chão europeu.

Em relação aos conteúdos das conferências propriamente ditas, a linha orientadora não diverge. Na primeira e segunda, proferidas por Antero de Quental, a tónica é por demais evidente, como veremos no tópico seguinte.

Em relação às três outras palestras – realizadas antes que o Poder as proibisse –, é manifesta a mesma linha de orientação europeísta. A terceira conferência coube a Augusto Seromenho, professor do Curso Superior de Letras de Lisboa, com o título «A Literatura Portuguesa (contemporânea)» que, embora fora do espírito desta Geração, tomou como núcleo da sua dissertação o escritor, também francês, F.-R. de Chateaubriand (1768-1848). Já Eça de Queirós, na conferência seguinte, centrou a sua peroração à volta da mais recente orientação da Literatura, sob o título de «A Nova Literatura (o Realismo como Nova Expressão da Arte)». Aí expõe ideias em conformidade com o título, inspirando-se também em autores franceses, tomando arrimo principal em P.-J. Proudhon (1809-1865), na sua obra *De la justice dans la Révolution e dans l'Église*, e Taine (1828-1893), no tema do combate à arte pela arte, recorrendo igualmente à pintura de G. Courbet (1819-1877) e à literatura de G. Flaubert (1821-1880), para ilustrar as suas teorias.

A quinta e última conferência foi proferida por F. Adolfo Coelho, sob o título «O Ensino», debruçando-se sobre o ensino em geral, e, ainda à sombra da «bíblia» desta Geração, o referido livro de Proudhon, entra no tema candente na época, a separação da Igreja do Estado, tomando também como fonte inspiradora, neste aspeto concreto, o, agora alemão, teólogo David F. Strauss (1808-1874), no seu primeiro livro sobre a vida de Jesus.

Em conclusão, mesmo sem uma leitura de filigrana, vemos que é fácil vislumbrar nas ideias das três últimas conferências, que há um duplo travejamento nas doutrinas expendidas: uma visão europeísta e a presença transversal das ideias proudhonianas (cf. Fernandes, 2008 : 107-157).

## 2. - *A França nas conferências de Antero de Quental*

Enquanto houve o desconhecimento de uma informação rigorosa sobre a primeira conferência, na qual o líder, Antero de Quental, lançou as linhas orientadoras das CD (e da Geração de 70), permaneceu o título que Salgado Junior, em 1930, lhe atribuiu de «O Espírito das Conferências» (cf. Salgado Junior, 1930 : 25 ss.). Os tempos evoluíram, e já no decair do século XX, apareceu um volume de cartas – nos Arquivos dos Jesuítas, por oferta da viúva de Oliveira Martins – de Antero de Quental dirigidas ao seu grande amigo Oliveira Martins, entre as quais uma, escrita no dia seguinte ao da realização dessa 1ª conferência, dado que o historiador-filósofo estava a trabalhar em Espanha. Nessa carta, o homem que levantou o «comum pendão» é bem claro relativamente ao âmbito da conferência inaugural, chegando tal explicitação ao nosso conhecimento só no decair do século XX: «Foi ontem à noite a

conferência de inauguração, sendo eu o encarregado de levantar o comum pendão, e de fazer soletrar ao público as palavras fatídicas nele inscritas. Assim o fiz, sem lhes ocultar com que letras se escreve *Revolução, Livre pensamento, Democracia* e (oh horror!) *Socialismo*.» (Quental, 1996 : 40). Como se vê, na primeira conferência, Antero de Quental perorou sobre ideias-conceitos, e as respetivas aplicações, em geral, filhas de intelectuais franceses, seja de homens do Iluminismo, seja de revoluções-insurreições, de que a França tem sido um bom laboratório.

Na 2ª conferência, sob o título de «Causas da decadência dos povos peninsulares», a doutrina expendida, na sua substância, vai no mesmo sentido do conteúdo da primeira. Naquela, após circunstanciado diagnóstico da decadência ibérica, e das suas causas, já no final, imerge no cerne do problema, que ele, em clara ambiência proudhoniana e, logo, não marxista, sintetiza na palavra *Revolução*; conceito que abrangerá todos os outros, enunciados na referida carta a Oliveira Martins a respeito da 1ª conferência.

Eis as suas palavras, já no epílogo da sua conferência – e com as quais terminaremos o nosso breve, mas gostoso texto em homenagem à estimada Maria do Rosário e ao seu afeto pelo mundo francófono –, e que ainda hoje parecem ecoar como advindas de um oráculo:

«Somos uma raça decaída por ter rejeitado o espírito moderno: regenerar-nos-emos abraçando francamente esse espírito. O seu nome é revolução: revolução não quer dizer guerra, ma sim paz: não quer dizer licença, mas sim ordem, ordem verdadeira pela verdadeira liberdade.

[...]

Pois bem, meus senhores: o Cristianismo foi a Revolução do mundo antigo. A Revolução não é mais do que o Cristianismo do mundo moderno.» (Quental, 1982 : 68-69)

### *Tópico conclusivo*

Da Revolução Francesa, vivenciada em agitadíssima ebulição, saiu o famoso «ternário sagrado» (expressão de Saint Martin) de Liberdade, Igualdade, Fraternidade, valores que, passadas oito décadas até às impressionantes Conferências Democráticas, serviram de alimento às propostas da mais famosa geração em Portugal. Hoje – para além da perenidade dos ignescentes raios, advindos do farol acendido pela França, em finais de setecentos –, passados cento e cinquenta anos após as Conferências Democráticas, vemos com clareza que a luta daquela geração estava no caminho certo, pois os seus ideais, enunciados por Antero de Quental na sua expressão *Revolução, Livre pensamento, Democracia* e (oh horror!) *Socialismo*, continuam a ser um indicador de rumo, para orientar a caminhada da Humanidade na busca do porvir com uma vida melhor.

### *Referências bibliográficas*

CARVALHO, Joaquim Barradas de. 1982. *Rumo de Portugal. A Europa ou o Atlântico?*, Lisboa, Livros Horizonte, col. «Horizonte».

COELHO, Jacinto do Prado. 1983. em *Originalidade da literatura portuguesa*, 2ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. «Biblioteca Breve – nº 1».

FERNANDES, José Marques. 2008. «Matriz proudhoniana da Geração de 70», in GAMA, Manuel. (org.), *A Geração de 70. Alberto Sampaio e os «Outros»*, Braga, Centro de Estudos Lusíadas da UMinho, pp. 107-157.

GAMA, Manuel. 2008. «Rafael Bordalo Pinheiro: o hermeneuta (pelo traço) das “Conferências Democráticas”», in GAMA, Manuel. (org.), *A Geração de 70. Alberto Sampaio e os «Outros»*, Braga, Centro de Estudos Lusíadas da UMinho, pp. 161-177.

- MACHADO, Álvaro Manuel. 1983. *O «Francisismo» na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, col. «Biblioteca Breve – nº 80».
- MEDINA, João. 1984. *As Conferências do Casino e o Socialismo em Portugal*, Lisboa, Dom Quixote, col. «Participar».
- PROUDHON, Pierre-Joseph. 1982. *De la Justice dans la Révolution et dans l'Eglise* (1858), in *Oeuvres Complètes*, VIII-3. Nouvelle édition, Genève-Paris, Slatkine, col. «Oeuvres complètes de Proudhon; 8».
- QUENTAL, Antero de. 1996. *Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental*, SILVA, Lúcio Craveiro (íntrod., org. e notas), Braga, Faculdade de Filosofia, col. «Investigação e Cultura; 1».
- QUENTAL, Antero de. 1982. *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, 4ª ed., Lisboa, Ulmeiro, col. «Oitocentos anos de história; 1».
- SALGADO JUNIOR, António. 1930. *História das Conferências do Casino (1871)*, Lisboa, Tipografia da Cooperativa Militar.
- SARAIVA, António José. 1990. *A Tertúlia Ocidental - Estudos sobre Antero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e Outros*, Lisboa, Gradiva, col. «Obras de António José Saraiva; 3».
- SERRÃO, Joel. 1986. *Sampaio Bruno - O Homem e o Pensamento*, 2ª ed. refundida, Lisboa, Livros Horizonte, col. «Obras de Joel Serrão; 8».
-